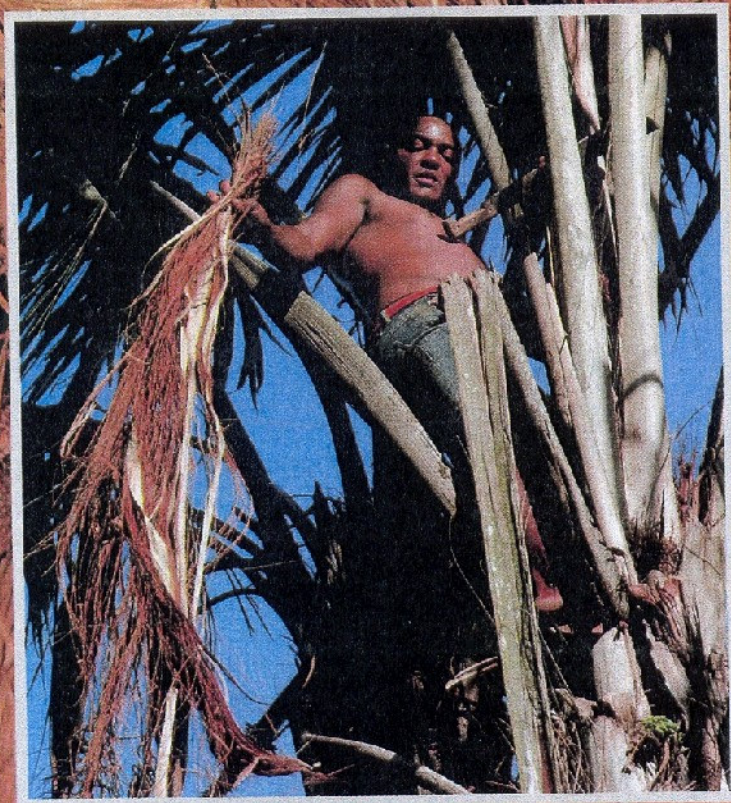


Piçaçava DE LUXO

Projeto de modernização da cadeia produtiva pretende transformar a realidade no baixo-sul da Bahia, agregar valor à atividade e remunerar melhor o trabalhador





MANEJO Fibra é colhida no mato, e transportada pelos rios até os locais de processamento

TEXTO **LUCIANA FRANCO**
FOTOS **ERNESTO DE SOUZA**

Desde criança Maria trabalha com piçava. Quando menina acostumou-se a assistir a mãe na lida com a palmeira e rapidamente aprendeu o ofício de separar a fibra trazida da mata e organizá-la em fardos. Hoje, aos 64 anos, Maria repassa às netas a tradição familiar. As filhas já dominam a técnica, mas é Maria quem tem paciência suficiente para ensinar às pequenas a arte de manusear a piçava. "É um trabalho feminino. A gente tem jeito para isso e aprende rápido a fazer uma vassoura ou pente", diz Maria Madalena Assunção de Oliveira, residente da comunidade quilombola Jatimani, encravada no coração do maior centro extrativista de piçava do mundo: a região baixo-sul da Bahia.

Nesta área dois municípios se destacam como os maiores produtores internacionais, Nilo Peçanha e Cairu, que, juntos, colhem 60 mil toneladas de piçava por ano.

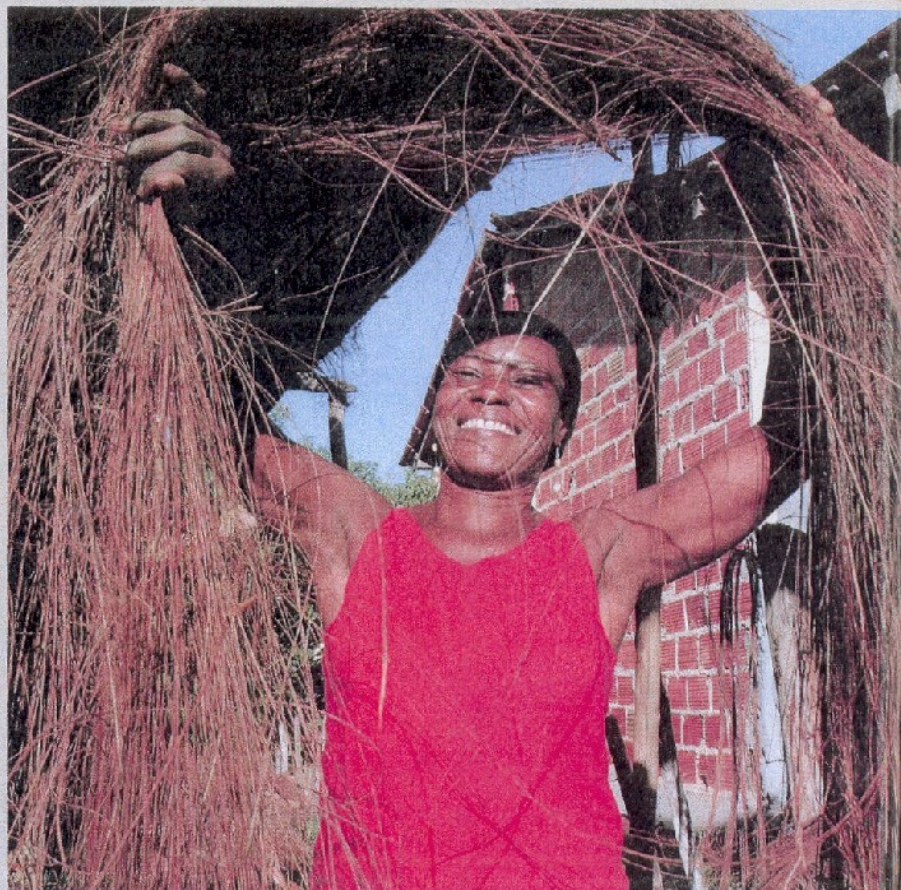
Em Jatimani a produção se situa em duas mil toneladas. Na comunidade, a maior parte dos 280 habitantes é, de algum modo, parente de dona Maria. "Quem não é filho de sangue é genro, nora, ou casou-se com netas e netos", diz a orgulhosa matriarca sem esconder a vaidade que sente em ser o ponto de referência do vilarejo, que conta atualmente com 120 produtores. São pequenos agricultores que colhem a fibra da mata aflântica, trazem a produção para casa a fim de ser organizada pelas mulheres e revendem o produto limpo aos atravessadores ao preço médio de 16 reais por arroba. "Quanto mais trabalhamos mais ganhamos", diz

dona Maria, que recebe cerca de 300 reais por mês separando piçava diariamente sem folgas nem mesmo aos domingos.

COOPERATIVA O ofício é puxado. Ela reconhece, mas está acostumada e não se incomoda. A rotina masculina também é árdua. Um trabalhador experiente chega a colher 45 quilos de piçava bruta por dia. Limpo o material rende cerca de 30 quilos. Apesar do desgaste, dona Maria gosta do que faz. "Já me acostumei. Não sei fazer outra coisa. É melhor que ficar em casa à toa. Isso me distrai", diz a bem-humorada produtora entre um sorriso e outro. Sim, dona Maria é risonha e não maldiz a pouca renda. "Gostaria de ganhar um pouco mais, mas não tenho do que reclamar." O sonho de uma renda maior está prestes a acontecer. Uma iniciativa

Extrativismo

APLICAÇÕES A PIAÇAVA É USADA NA FABRICAÇÃO DE VASSOURAS, JÓIAS,



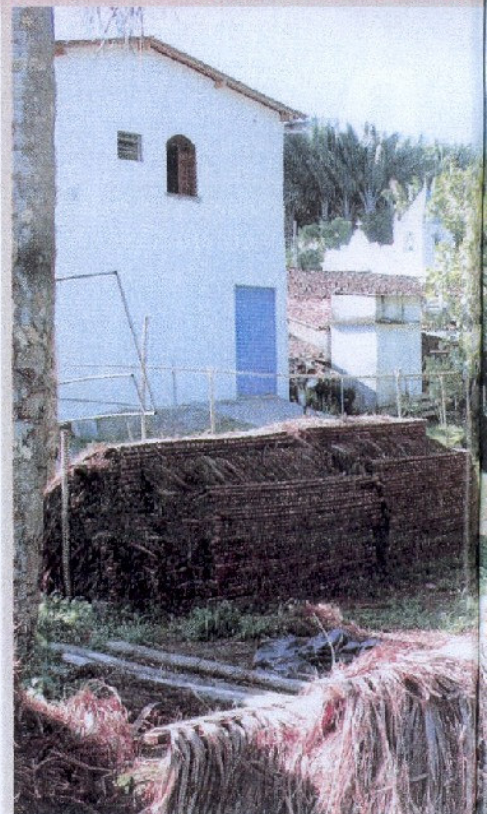
MARIA e Tereza separam as fibras em casa e aprendem a criar objetos artesanais

Fundação Odebrecht pretende transformar a realidade local. “Estruturamos um plano de desenvolvimento para a cadeia produtiva da piaçava que seja auto-sustentável e remunere melhor os pequenos produtores”, diz Reinaldo Oliveira Souza, coordenador do projeto, que além de organizar o modo de produção visa desenvolver novas aplicações para a fibra, atualmente destinada, em sua maioria, à fabricação de vassouras, cordoaria e escovões.

“Estamos elaborando uma vassoura diferenciada, com um design local. Além disso, buscamos um tratamento químico do produto que seja anticombustão. Hoje já existe um produto que evita o alastramento

de fogo em caso de incêndio”, diz Reinaldo. Os subprodutos da palmeira também têm diversas aplicações. As folhas podem ser usadas na confecção de chapéus de palha, bolsas, artesanato e jóias. Do coco pode-se produzir botões, cabos de canivetes, rosários e pentes. Da amêndoa extrai-se um óleo de vasta utilização na indústria alimentícia e cosmética. “Queremos explorar estes nichos de mercado, criando produtos de qualidade e com alto valor agregado”, diz Reinaldo.

PARCERIA O primeiro passo para a concretização deste ideal é a implantação da Cooperativa das Produtoras e Produtores Rurais de Piratigi (o município onde está inserida a comuni-



ESCOVÕES, CHAPÉUS, BOLSAS, BOTÕES, CABOS DE CANIVETES ETC.

dade de Jatimani). A nova instituição será presidida por dona Maria, mãe de 14 filhos, avó de 35 netos e bisavó de nove bisnetos, todos nascidos na comunidade. "Começamos a trabalhar com os adultos, mas o nosso sonho é trabalhar com os jovens", diz Reinaldo.

A nova cadeia da piaçava está estruturada para gerar oportunidades de trabalho e renda mantendo o homem no campo. A região da mata atlântica – onde são colhidas as folhas, em cerca de 18 mil hectares – contempla 80 mil hectares e foi instituída área de proteção ambiental, onde 11 pequenas comunidades vivem da extração da piaçava. "Vamos manter a extração numa parte da mata e plantar novas árvores nativas", diz Reinaldo.

Além da cooperativa, será montada também uma usina de beneficiamento. O projeto prevê ainda

a valorização dos hábitos das comunidades quilombolas, através da realização de eventos culturais como festas típicas e a instalação de uma escola para a formação de jovens. "É um projeto orçado em 5,5 milhões de reais. Estamos buscando parceiros para sua implantação", diz Reinaldo. As mulheres de Jatimani já estão preparadas para a nova realidade. Estamos aprendendo a fazer diversas peças artesanais", diz Tereza Assunção de Oliveira, filha de dona Maria. O interesse não é para pouco. Convertida em peças de alto valor agregado, a arroba tem uma valorização superior a 800%, e alcança os 150 reais no mercado interno.

PRODUÇÃO A piaçava é uma palmeira nativa da flora brasileira e explorada economicamente desde o período do Brasil colonial. O estado da Bahia responde por 95% da produção nacional e exporta algo em

torno de 5% para Portugal, Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Bélgica e Inglaterra. Na Bahia a produção abrange cerca de 16 municípios. Os estados do Amazonas e Pará respondem por uma pequena parcela deste negócio.

A palmeira se desenvolve bem em solos de baixa fertilidade e em ambientes com alta umidade. Em virtude da necessidade de poucos

TESOURO Região do baixo-sul baiano abrange 16 municípios, responsáveis por 95% da produção nacional de piaçava e maior parte das exportações

recursos financeiros para o plantio, manutenção e exploração, a atividade se tornou uma opção agrícola atraente devido aos riscos reduzidos e altos rendimentos. Segundo cálculos da Ceplac – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, o custo total da colheita e limpeza de uma arroba de piaçava é de 5,50 reais. A preços médios, de 16 reais por arroba, o produtor obtém um lucro de 10,50 reais. Apesar das vantagens, a piaçaveira ainda é pouco explorada no Brasil. Nos últimos anos, no entanto, cresce o interesse de produtores que querem entrar no negócio, sendo raro encontrar um agricultor interessado em vender sua propriedade.

De acordo com Barachisio Lisbôa Casali, engenheiro agrônomo da Ceplac, a atividade se constitui em uma das melhores opções para a diversificação agroeconômica do litoral sul da Bahia. "Trata-se de um tesouro escondido diante dos nossos olhos e ninguém vê", diz.

A jornalista e o fotógrafo viajaram à Bahia a convite da Fundação Odebrecht

QUALIDADE e maior valor agregado é o que prevê projeto coordenado por Reinaldo

